

Sumário

Prólogo | **9**

Prefácio | **11**

1 • Retrato das lésbicas | **15**

“Elas são facilmente reconhecíveis” | **15**

“Entre mulheres,

não se trata exatamente de sexo” | **22**

“São meninos frustrados” | **28**

“As lésbicas atizam a fantasia masculina” | **36**

“Elas reivindicam sua homossexualidade” | **44**

2 • Origens da homossexualidade | **51**

“É de nascença” | **51**

“Elas deveriam se tratar” | **57**

“É uma escolha feminista” | **64**

“Elas não encontraram o homem certo” | **71**

“Elas foram vítimas de violência sexual” | **77**
“É culpa dos pais” | **83**

3 • *Lésbicas e sociedade* | **91**

“Existem mais gueis do que lésbicas” | **91**

*“A homossexualidade feminina é mais bem aceita
do que a masculina”* | **98**

“As lésbicas preferem se isolar” | **105**

“Elas não deveriam ter filhos” | **110**

“Não se é feliz quando se é lésbica” | **117**

Conclusão | **125**

Referências bibliográficas (para saber mais) | **127**

Prólogo

LÉSBICA [λεσβος + ιχα] adj. e subst. fem.: relativo aos amores da poetisa Safo (fim do século VII, início do século VI a.C.) de Lesbos, ilha do Mar Egeu (Mitilene). Mulher que sente desejo sexual por mulheres. Quando o equivalente do termo em francês foi reconhecido, em 1549, seu masculino designava um “uranista”, amante de um homem.

Somente durante o Renascimento as mulheres que se amam começaram a ser nomeadas na França. Até meados do século XIX, o termo mais empregado foi “tríbade”, do grego “esfregar”, designando uma técnica sexual. Costuma-se coincidir a publicação de *As flores do mal*, de Baudelaire (1857), com o surgimento de um novo significado da palavra “lésbica”. Pois enquanto o autor chamava as lésbicas de “mulheres malditas”, foi condenado em um ruidoso processo por ultraje à moral pública. A partir de então, o uso da expressão se difundiu, fortemente carregado de erotismo. No final do século XIX, a medicina criou o termo “homossexual”, que entrou no suplemento do Novo Larousse Ilustrado de 1902. As lésbicas da *belle époque* preferiam essa designação carregada de conotações

pejorativas às expressões “safista” ou “amazona”. Os demais termos em uso – como *anandrina* [ou *anândria*], *uranista*, *gomorreia*, *safo*, *invertida* – se revelavam ora triviais, ora médicos, ora puro preciosismo.

Só nos anos 1970 as mulheres se apropriaram da palavra “lésbica”, no bojo dos movimentos feministas. O termo ganhou uma dimensão política, inscrevendo-se na luta contra a hierarquia dos sexos e das sexualidades. “As lésbicas não são mulheres”, escrevia Monique Wittig em 1980. Esse renascimento positivo se fez acompanhar da emergência de novos modos homossexuais de vida e de uma maior visibilidade dos gueis* e lésbicas. Atualmente, é o termo mais empregado.

* No original em francês, a autora usa “gais”, quando o comum seria “gay”. A fim de respeitar essa opção, usaremos o termo “guei” ao longo de todo o livro. [N. E.]

Prefácio

NO MUNDO TODO, mulheres se amam, se desejam, fazem amor. Hoje, como ontem e amanhã. Como em todas as histórias de amor, elas vivenciam felicidade e mágoa. Ao fazer isso, não prejudicam ninguém, não usurpam a liberdade alheia nem perturbam a ordem social. Elas mantêm relacionamentos consentidos entre adultos, sem nenhum crime ou violência e, na maioria dos casos, como acontece em matéria de amor, na intimidade. E, no entanto... Na maioria dos países essas mulheres são recriminadas, agredidas, às vezes assassinadas, em função de sua preferência amorosa. Hoje, como ontem e amanhã.

Só em uma minoria de Estados, tanto na Europa como na América do Norte, as mulheres que se amam são livres para viver abertamente: se quiserem, podem morar juntas, se casar, formar uma família. Ninguém pode invocar sua orientação sexual para se opor a essas escolhas. Até porque certos dispositivos protegem seus direitos. É o caso do Pacto Civil de Solidariedade (Pacs), criado em 1999, na França, e da Lei sobre a Alta Autoridade de Luta contra as Discriminações (em francês, Halde), que permite em especial a punição por injúrias

homofóbicas. Sinônimo de progresso, no que diz respeito à igualdade e à liberdade para todos os cidadãos.

Mas uma parte da sociedade continua sendo hostil. A pesquisa sobre a “lesbofobia” feita na França pelo SOS Homofobia, entre outubro de 2003 e janeiro de 2004, é prova disso: 57% das mulheres entrevistadas declararam já ter sido vítimas de comportamentos lesbofóbicos. Se em 44% dos casos os injuriantes eram membros da família, em 45% eram pessoas de fora. No trabalho, elas são vítimas de discriminação (24%), geralmente por meio de zombarias e fofocas. Por fim, 64% delas avaliam que “a mentalidade evolui”, mas 24% acham que “ainda é muito difícil”.

São mulheres de todas as idades, de todos os níveis sociais, exercendo todo tipo de profissão. São casadas com um homem, mães solteiras ou casadas com outra mulher. Vivem suas experiências homossexuais como um modo de vida, como uma aventura amorosa ou uma simples fantasia. Seu único ponto em comum? Amar-se entre si. E, no entanto... Elas são todas chamadas de “lésbicas”, e sua sexualidade é transformada naquilo que as define: a base de sua identidade. Uma identidade talhada na madeira das ideias preconcebidas, que as representam como masculinas, neuróticas, infelizes. E o imaginário social desenha uma personagem nascida dos medos e fantasias. Mas esse retrato, por mais caricato que seja, se mostra perturbador, pois reflete evidências. Determinadas lésbicas são “masculinas”. Resta saber por que e o que significa

essa adequação entre crenças e realidade. Pois as identidades são elaboradas de acordo com o modelo ecoado pela sociedade. Foi assim que as lésbicas se adequaram parcialmente a essas imagens, ao mesmo tempo que se apropriavam delas, alterando-as e jogando com os códigos. Dessa forma, elas traçaram os contornos da identidade lésbica contemporânea.

Analisar as ideias preconcebidas sobre as lésbicas permite, portanto, combater os preconceitos, terrivelmente autoritários, que formam a base da lesbofobia, mas também compreender como foram constituídas as marcas atuais da “comunidade” homossexual, com relação a linguagem, moda, locais e cultura.

Ao longo desta obra, empregaremos o termo “guei” para nos referir ao homossexual masculino e o termo “lésbica” para tratar da mulher homossexual, algumas vezes de modo anacrônico.

1 Retrato das lésbicas

“ELAS SÃO FACILMENTE RECONHECÍVEIS”

Você não notou que ela é sapatão?

Eu as identifico na hora. Tenho faro para isso.

Laurent (Alain Chabat), *Uma cama para três*, 1995

Camisa de lenhador, *boot*, corte de cabelo joãozinho: impossível se enganar, essa mulher é lésbica. Pelo menos essa é a opinião de muita gente, para quem as lésbicas podem ser reconhecidas pela aparência. Uma aparência viril e pouco graciosa, como a da personagem Marijo no filme *Uma cama para três*, que dirige uma perua com uma cigarrilha na boca. No imaginário coletivo, as lésbicas usam roupas masculinas e se comportam como homens, conceito acompanhado de certa vulgaridade: elas “gostam de bebidas alcoólicas fortes, a exemplo dos cigarros que fumam, e de usar uma linguagem rude”, segundo Simone de Beauvoir, fazendo eco a Colette. Para a autora de *Claudine*, a lésbica “jura por Deus enquanto levanta o carro com um macaco [...] e bate papo com o mecânico”

(*Le pur et l'impur* [O puro e o impuro], 1932). Mas em matéria de homossexualidade, será que o hábito faz o monge?

Não se pode negar que muitas lésbicas têm um estilo mais masculino do que a maioria das heterossexuais. Cabelos curtos, calças *baggy* e camiseta regata, cuecas Calvin Klein: às vezes, nos enganamos quanto ao sexo das garotas que andam assim pelas ruas. E a história confirma que essa preferência das lésbicas por roupas masculinas não é de hoje. As fotos de Brassai mostram que nos anos 1920 elas gostavam de usar *smoking*, colarinho falso e gravata borboleta. O monóculo era então um de seus acessórios prediletos, símbolo de identificação tanto em Paris quanto em Berlim e Londres, a ponto de ter emprestado seu nome a uma das boates mais conhecidas da época: *Le Monocle*, no bulevar Edgard-Quinet. Como observa Christine Bard, as lésbicas se valem da masculinização do terninho para se mostrar mais abertamente: as que vemos são “rapazinhas” (*Les garçonnnes, mode et fantasmes des années folles* [As rapazinhas, moda e fantasias dos anos loucos], 1998).

Mas a que corresponde essa masculinidade evidente das lésbicas? Seria sua verdadeira natureza ou um reflexo da moda? Masculinidade e homossexualidade feminina seriam tão inseparáveis quanto os dedos da mão? Se sim, por quê?

“Porque as lésbicas não são mulheres”, respondiam os médicos no final do século XIX, quando se encarregavam da